

VIBRAÇÕES CENTRÍFUGAS

Héctor Zamora* com Victor Gama

Projecto decorrente da residência artística
Passado e Presente – Lisboa, Capital Ibero Americana 2017

PERFORMANCES

20 e 21 de Abril ► 22h às 23h
22 de Abril ► 17h às 18h

**galerias
municipais**
PAVILHÃO
BRANCO

até 29 / 04 / 2018

terça a domingo



10h–13h e 14h–18h

PAVILHÃO BRANCO
entrada pelo Palácio Pimenta
Museu de Lisboa
Campo Grande

Vibrações centrífugas ou o «cantar dos búzios»

Héctor Zamora (México, 1974) vive atualmente em Lisboa, onde, em março de 2017, expôs a performance-instalação *Ordem e Progresso*, o segundo projeto *site specific* a ocupar a Galeria Oval do MAAT.

Esta apresentação integrou a programação da primeira edição da BoCA – Biennial of Contemporary Arts e da Lisboa Capital Ibero-Americana de Cultura 2017, no âmbito da qual Zamora foi um dos artistas convidados a integrar o programa de residências artísticas promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, através das Galerias Municipais.

É neste contexto que o projeto *Vibrações Centrífugas* começa a ser concebido e desenvolvido, num formato de pesquisa e experimentação próprio do exercício em regime de residência, a qual previa inicialmente uma pequena apresentação no ateliê do trabalho desenvolvido nesse período e espaço.

Surge, logo numa fase inicial, o convite ao compositor e músico Victor Gama (Angola, 1960) para assumir uma coautoria na conceção de todo o projeto sonoro, bem como a previsão de envolver um coro. Desde cedo se torna evidente a dimensão e complexidade do projeto, levando à sua transição do ateliê para o Pavilhão Branco.

Vibrações Centrífugas é uma performance-instalação sonora que se inspira na forma, movimento e som dos moinhos de vento tipicamente portugueses e, em particular, das cabaças de cerâmica que se lhes conhecem – os búzios. De vários tamanhos e com duas formas diferentes, estas peças são o engenho que permite ao moleiro medir, através da ressonância que produzem, a direção e intensidade do vento, e manobrar as velas para dele tirar o maior rendimento. A energia do vento aciona o movimento giratório do mastro e das varas onde estão fixos os búzios, cujo peso é responsável por equilibrar a referida rotação e que, posicionados estrategicamente na horizontal e com a boca de frente para o vento, cortam a direção em que este sopra produzindo um som característico – o «cantar dos búzios», como é popularmente conhecido. Assim, a partir do interior do moinho, o moleiro é capaz

de manipular as velas e alinhá-las na posição e velocidade que mais otimizam e rentabilizam o seu desempenho.

É destas peças, e desta sonoridade, que Héctor Zamora se apropria para criar, juntamente com Victor Gama, uma série de instalações escultóricas e sonoras. O som é o grande protagonista deste projeto, e múltiplas possibilidades e variações permitidas pela interação com os búzios são interpretadas, experienciadas, editadas e organizadas numa composição plástica.

Mais uma vez, Zamora resgata para a sua prática artística um assunto emergente da contemporaneidade e cuja discussão parece adormecida ou dispensável. Na atual sociedade industrializada e de alta-tecnologia, assiste-se à extinção de artes e ofícios, técnicas, métodos, processos artesanais e tradições, como neste caso em concreto a moagem de cereais através de um aparelho mecânico movido pela força do vento introduzido em Portugal no Século XVI.

Joaquim Constantino, um dos protagonistas deste projeto, é proprietário de um moinho na pequena localidade de Casal do Moinho de Frade, na freguesia de Ventosa, em Torres Vedras, que serviu de base à investigação levada a cabo por Zamora e foi um importante instrumento no processo de produção artística. Constantino é um dos raros moleiros que, em Portugal, têm resistido à industrialização e produção massificada de farinhas. Com fascínio e paixão pelo «cantar dos búzios», mantém o seu moinho a operar segundo o sistema tradicional. Este está na sua família há três gerações e é um claro exemplo da importância que estes equipamentos de engenharia avançada têm na história e cultura portuguesas. Em 2016, foi iniciado o processo de candidatura dos moinhos de vento típicos do Oeste português a Património Imaterial Nacional e da UNESCO, na tentativa de preservar a sua estrutura, funcionamento original e tradições. A paisagem desta região do país é fortemente marcada pela presença, durante muito tempo desvalorizada, de moinhos de vento, a grande maioria dos quais se encontra em ruínas.

A performance-instalação foi pensada a partir das características espaciais do Pavilhão Branco e, assim, está distribuída em três momentos distintos. Cada um deles representa uma ocupação física que é ativada como um dispositivo performativo e enfatiza a dimensão física que o som ganha no espaço, quer pelo preenchimento do vazio, quer pelo circuito/trajeto que percorre e define.

A ação desenrola-se de forma itinerante pelos dois pisos, dividida em curtas atuações sucessivas que, quase autónomas, são, na verdade, interdependentes e comunicantes, criando uma narrativa que no seu conjunto compõe o projeto.

No piso térreo, onde a estrutura do edifício separa o espaço em duas salas simétricas, a performance divide-se em dois momentos.

Em *Movimento I*, um coro de 24 músicos – dividido em quatro naipes e dirigido por João Barros – interpreta uma composição de Victor Gama, a qual explora através da plasticidade da voz a sonoridade hipnotizante do «canto dos búzios». A composição incorpora uma gravação áudio de 6 canais do verdadeiro som do moinho, captado e editado por Gama. O coro, posicionado em forma de círculo, convida o público a assistir do centro, de forma a fruir da ilusão da perspetiva audível e multidirecional causada pelo sistema de som *surround* que as vozes, sincronizadas num movimento centrífugo, irão reproduzir.

Em *Movimento II*, 4 *performers* acionam 4 instrumentos desenhados especialmente para este projeto, e em particular para esta exibição, que permitem a rotação de pequenas jarras ao longo do eixo longitudinal. Estes são inspirados no *bullroarer*, um instrumento musical pré-histórico, do período do Paleolítico, utilizado em cerimónias e rituais. O instrumento possuía um mecanismo de rotação que lhe concedia uma vibração e som característicos, numa determinada frequência, capazes de atingir quilómetros, o que o tornou numa importante, sofisticada

e fascinante tecnologia de comunicação a longas distâncias. À semelhança da manipulação do *bullroarer*, a cinesia circular e o som gerado são referências diretas ao moinho de vento, mas através de uma interpretação cuja intensidade sonora faz uso de uma escala e velocidade completamente diferentes.

Movimento III propaga-se por todo o piso de cima, onde os intérpretes dão um autêntico concerto de percussão e sopro, com instrumentos que são uma apropriação da variação completa de tamanhos e formatos de búzios e jarras que compõem um moinho. O arranjo «musical» proposto por Victor Gama inicia-se de certa forma estruturado abrindo gradualmente o espaço. A disposição das várias peças no espaço obedece à formação de círculos concêntricos, nos quais os búzios de maior dimensão se assentam deitados no chão e as jarras e búzios menores orbitam suspensos no teto, ganhando uma dimensão escultórica muito ligada aos códigos e formalidades de um ritual.

A voz, o sopro, a percussão e o movimento centrífugo combinam-se numa performance que desperta os sentidos e propõe a redescoberta e reinvenção dos sons do vento.

Como é habitual no trabalho de Héctor Zamora, a exposição é o resultado da ação. Evoca a memória do espaço, do tempo e das pessoas que determinaram um acontecimento, e cujo rasto nos sugere uma ausência da qual emerge uma nova presença.

As suas obras pedem para ser recebidas, vistas, ouvidas e experimentadas pelas pessoas num espírito de envolvimento social, como se naquele momento todas fossem uma pequena comunidade.

Sílvia Gomes



Héctor Zamora

Nascido no México em 1974, trabalha em Lisboa desde 2016.

Alguns dos seus maiores trabalhos foram apresentados no espaço público, incluindo *Ensaio sobre o Fluido*, uma intervenção no prédio da escola de música do arquiteto Vittorio Garrati, 12.ª Bienal de Havana, 2015; *Errante*, um jardim suspenso sobre o rio Tamanduateí, São Paulo, Brasil, 2010; *Delírio Atópico*, intervenção pública na Av. Jimenez, em Bogotá, Colômbia, 2009; *Paracaidista*, Av. Revolución 1608bis, um abrigo construído na fachada do museu Carrilo Gil, Cidade do México, México, 2004.

Algumas das suas exposições individuais mais importantes são: *Ordem e Progresso*, MAAT, Lisbon, Portugal, 2017; *Memorandum*, Museo Universitario del Chopo, Mexico City, Mexico, 2017; *Dinâmica Não Linear*, CCBB São Paulo, Brazil, 2016; *Ordre et Progrès*, Palais de Tokyo – SAM Art projects, Paris, France, 2016; *La réalité et autres trumperies*, Frac des Pays de Loire, Nantes, França; *Paradigma Panglossiano*, Redcat, Los Angeles, CA, EUA, 2012; *Reductio Ad Absurdum*, Architecture + Art, SMoCA, Scottsdale, Arizona, EUA, 2012; *Inconstância Material*, Galeria Luciana Brito, São Paulo, Brasil, 2012.

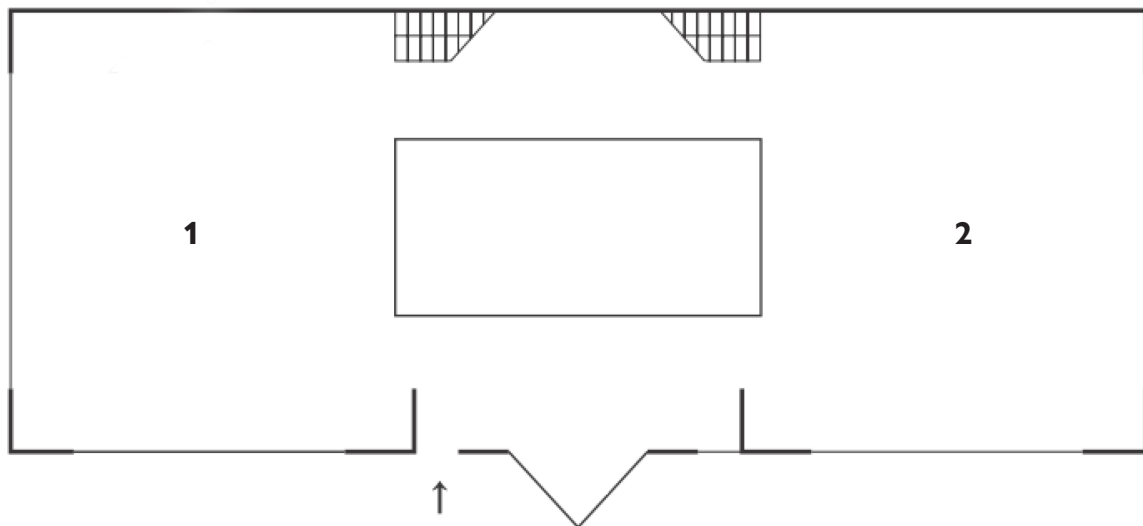
Participa actualmente na 11.ª Bienal de Mercosul, Porto Alegre, Brasil, 2018. Participou na 4.ª Ural Industrial Biennial, Ekaterinburg, Rússia, 2017; 14.ª Lyon Biennale, Lyon, France; na 8.ª Bienal de Escultura de Shenzhen, China, 2014; na 13.ª Bienal de Istambul, Turquia, 2013; na 53.ª Bienal Internacional de Arte de Veneza, Itália; no Encontro Internacional de Medellín 2007 (MDE07), Colômbia; na 27.ª Bienal de São Paulo, Brasil; na 12.ª Bienal Internacional do Cairo, Egipto; na Bienal Busan 2006, Pusan, Coreia do Sul, 2006; e na 9.ª Bienal de Havana, Cuba. Apresentou trabalhos nas seguintes exposições coletivas: *Building: Misbehaving the City*, Lois & Richard Rosenthal Center for Contemporary, Cincinnati, Ohio, EUA; *PER/FORM*, CA2M Centro de Arte Dos de Mayo, Madrid, Espanha, 2014; *Blind Field*, Krannert Art Museum, University of Illinois, Champaign, Illinois, EUA, 2013; *Resisting the Present*, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris/ARC, França, 2012; e *Disponibile*, San Francisco Art Institute, São Francisco, Califórnia, EUA, 2010; entre outros.

Foi um dos membros do *BMW Guggenheim Lab Mumbai*, Índia, 2012-13.

Victor Gama

Victor Gama nasceu em Angola em 1960. É compositor, músico e criador de instrumentos contemporâneos. No seu trabalho de permanente pesquisa, faz uso de elementos dinâmicos e variáveis que surgem num processo de composição que inclui a concepção, design e construção dos instrumentos com que a obra é executada, dando assim origem ao instrumentário e instalações da série *INSTRMNTS*. Como resultado, tem vindo a atrair encomendas por parte de *ensembles* e instituições como a Chicago Symphony Orchestra, os Kronos Quartet, o National Museums of Scotland, o Kennedy Center em Washington, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Tenement Museum de Nova Iorque ou a Prince Claus Fonds da Holanda. Desenvolve, desde 1997, o primeiro arquivo digital de música e músicos do interior de Angola, o projeto *Tsikaya – Músicos do Interior*. Entre várias obras escritas para os seus instrumentos e orquestra de câmara escreveu recentemente a ópera multimédia *3 mil Rios* que apresentou em Amesterdão, Lisboa e Bogotá.

Formado em Engenharia Eletrónica, tem um mestrado em Organologia e Tecnologia da Música pela Universidade Metropolitana de Londres e foi recentemente artista residente na Universidade de Stanford e no MIT, em Boston. Entre trabalhos editados encontram-se o álbum *Pangeia Instrumentos* produzido por Aphex Twin para a Replex Records e *Naloga* editado pela PangeiArt.



PLANTA PISO 0

Sala 1

Movimento I, 2018

Coro de 24 cantores + peça sonora (edição do áudio captado no moinho em funcionamento)

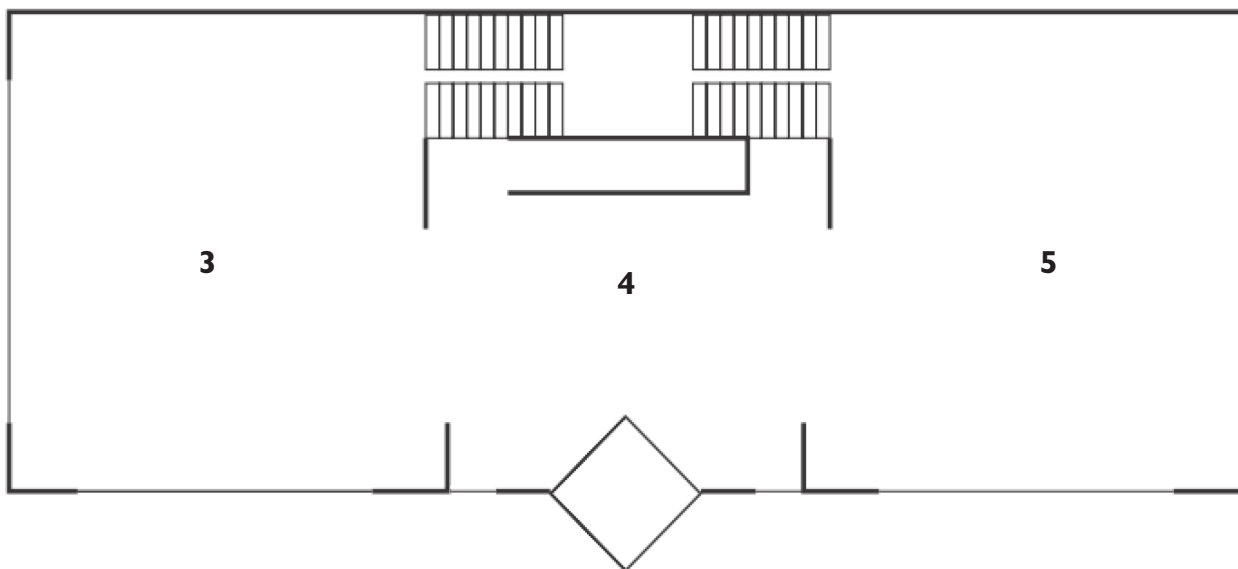
Composição coral Victor Gama | Edição da peça sonora

Victor Gama | Direcção João Barros

Sala 2

Movimento II, 2018

4 performers e 4 instrumentos (Vibrocentrífugos)



PLANTA PISO 1

Sala 3

Movimento III, 2018

Instalação 20 búzios e 32 jarras

Sala 4

Sobre o Centrífugo, 2018

Vídeo 00'28" FULL HD

Sala 5

Movimento IV, 2018

Instalação sonora, 36 búzios
Edição de áudio Victor Gama

Agradecimentos

David Maranhã

Joaquim Constantino

Luís Firmo

Paulo Franco

Paulo Machado

Rodrigo M. do N. Machado da Costa

Sara Maia

Coro de jovens músicos

Afonso Arruda (tenor)

António Leão (tenor)

Alice Galvão (soprano)

Bianca Varela (contralto)

Carolina Hovers Falcato (soprano)

Ema Sá (soprano)

Francisco Leite (baixo)

Jiaying Liu (soprano)

João Coutinho (tenor)

Madalena Oliveira Martins (soprano)

Mariana Maia (soprano)

Mariana Preto (contralto)

Markéta Chumová (contralto)

Martim Líbano Monteiro (baixo)

Pedro Fanica (tenor)

Ricardo Pereira (baixo)

Rita Carvão (soprano)

Rita Miranda (contralto)

Rita Santos (contralto)

Rosa Vieira (contralto)

Sara Maia (soprano)

Sara Pacheco (soprano/contralto)

Simão Andrade (tenor/baixo)

Teresa Ribeiro (soprano)